



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

O OLHAR FOTOGRÁFICO DE UMA SALA DE AULA

MAGDA SUELY PEREIRA COSTA

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Resumo Este artigo traz dados de uma pesquisa sobre a Organização do Trabalho pedagógico, realizada em algumas escolas estaduais no município de Arraias, estado do Tocantins em 2013/14, no período de atividades práticas da referida disciplina-curso de pedagogia na Universidade Federal do Tocantins. O objetivo central foi construir uma leitura sobre as relações entre professor e aluno em suas atividades cotidianas de sala de aula. Partiu-se do pressuposto de que as relações entre estes sujeitos fazem parte da organização do trabalho pedagógico, no sentido de favorecer e mobilizar os alunos para diferentes aprendizagens. Contudo, elas também revelaram intersubjetividades, aproximações empáticas ou rejeições, preconceitos e discriminações. A metodologia utilizada incluiu a frequência na disciplina com uma carga de 60 horas aulas, sendo 45 horas trabalhadas em discussões teóricas e 15 horas em observações das aulas dos professores da rede estadual. Estas eram realizadas desde o momento da entrada dos alunos até o finalizar das aulas onde os acadêmicos teriam como ponto principal anotar as relações estabelecidas entre o professor e os alunos. A análise dos dados considerou que as ações de alguns professores em suas práticas na sala de aula, muito tem a ver com as formas, as quais foram educados, ou seja, um processo de reprodução de suas próprias histórias e atribuição de sentidos do que seja ser professor. Os autores utilizados foram Foucault,(1999) Villas Boas (1993) no sentido de compreender a reprodução, a obediência e a organização do trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Organização Trabalho pedagógico, obediência, professor aluno. **Abstract:** This text shows data from a research about the Pedagogical Work Organization which took place at some public schools in Arraias, Tocantins in 2013/2014 during the practical activities in Pedagogy course at Tocantins Federal University. The main goal of this research was to build reading towards

the relationship among teachers and students in their daily activities at school. First of all, it started from the assumption that the relationship among them is part of the pedagogical work organization in order to help out students into their different ways of learning. However, they also revealed intersubjectivities, emphatic approaches or rejection, prejudice and discrimination. The methodology used included the subject frequency with a total of 60 hours – 45 hours with theoretical discussion and 15 hours watching teachers' methodology. This was done since the beginning and the end of the classes. So the academics were supposed to take notes on everything happening during the classes and they should point out the relationship among students and teachers. After that, the data analysis considered the actions from some teachers based upon their methodology in class, that sometimes it has to be with their own background, that is to say, a process of reproducing their own way of thinking about being a teacher. The authors of this research based it using Foucault (1999), Villas Boas (1993) in order to understand the reproducing, the obedience and the pedagogical work organization. **Keywords:** Pedagogical work organization, obedience, teacher, student.

INTRODUÇÃO O olhar fotográfico é um artigo que traz dados de uma pesquisa sobre a Organização do Trabalho Pedagógico no que toca especificamente às relações vividas entre professores e alunos, nas suas atividades cotidianas em algumas escolas públicas no Estado do Tocantins. Essas relações vivenciadas entre estes sujeitos fazem parte da organização pedagógica com a intencionalidade de favorecer e provocar mobilizações para as diferentes aprendizagens. A Organização do Trabalho Pedagógico em seu sentido de categoria para estudos pode se referir à organização geral dos trabalhos a serem desenvolvidos dentro de uma instituição escolar, seja ela, na abrangência macro ou micro da sala de aula. Essa estruturação envolve muitos aspectos da vida acadêmica. Para tanto Luiz Carlos de Freitas nos faz compreendê-la em níveis, a saber:

a) como trabalho pedagógico que, no presente momento histórico, costuma desenvolver-se predominantemente em sala de aula; e b) como organização global do trabalho pedagógico da escola, como projeto político pedagógico da escola (FREITAS, 2002, p. 94).

O nível macro da escola envolve todo o trabalho dos gestores (coordenadores, diretores e auxiliares) que se juntam com a comunidade acadêmica, pais e alunos e a sociedade civil. Já o nível da sala de aula se pode pensar na organização de um trabalho do professor em sua sala de aula, com toda sua forma de criatividade, desenvolvendo atividades que possam contribuir para o desenvolvimento, prazer e aprendizagem dos seus alunos. Compreendemos que a aprendizagem dentro da sala de aula só

pode ser significativa se estes alunos foram compreendidos pelos seus professores como sujeitos de saberes, de respeito, e cidadania. Para tanto os acadêmicos foram em seu trabalho de pesquisa registrar a cada dia, as entradas, o desenvolvimento das aulas e saídas das crianças em suas salas de aula, ao final das observações escreveram frases marcantes que representavam o observado. A análise dos registros resultou no poema e cada frase marcante foi analisada a luz das reflexões da relação professor aluno e da organização do trabalho. O nome "olhar fotográfico" representa o olhar do observador aquele que registra os cenários para a compreensão do fenômeno social. O que foi registrado pode parecer estranho, tendo em vista os grandes avanços dos processos democráticos, do respeito às diversidades étnicas, econômicas e sociais. Embora a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 tenham garantido melhores formas para Organização do Trabalho pedagógico, em especial nas relações entre professor e aluno, ainda se depara em muitas delas, com cenas e leituras como as relatadas, pelos dados aqui coletados, permitindo-nos fazer leituras na tentativa de compreender as marcas sociais impregnadas entre os sujeitos. É salutar salientar que a legislação mencionada trouxe chancelas importantes para a educação nesse seu processo de consolidação de conquistas democráticas, e vem modificando realidades educacionais regionais brasileiras. Mas existem questões específicas em algumas regiões, sobretudo, a norte e nordeste, que cabem reflexões sobre a existência e persistência das características do coronelismo e autoritarismo, do alto índice do analfabetismo, e do pouco desenvolvimento econômico e educacional. São aspectos que fortalecem as desigualdades sociais e a indiferença entre os que possuem poder e condições econômicas e aqueles que não as possuem, além de enfraquecer as possibilidades dentro do sistema educacional, de sucesso dos alunos em suas escaladas de aprendizagens e saberes. A metodologia utilizada foi a Observação de campo, com registro dos movimentos dos professores e alunos nos espaços escolares tendo em vista a Organização do Trabalho Pedagógico. Várias foram as indagações que permearam a pesquisa após as observações, dentre elas, o porquê do agir daqueles professores?

Falta de formação adequada, o sistema social e político, carência de uma maior conscientização política para assumir a docência?

A busca em compreender os rituais em salas alternadas, nos fez debruçar

sobre as cenas observadas que se transformaram no poema Olhar fotográfico. Portanto O poema abaixo é o eixo da discussão que seguirá com as reflexões sob um enfoque pedagógico e sociológico. Embora os professores pesquisados digam que a formação acadêmica na graduação e em outras experiências tenha oferecido uma fundamentação para posturas mais democráticas, a forma do sistema político local e regional, muitas vezes, interfere de forma negativa nas ações desses profissionais, fazendo com que os mesmos tenham condutas e ações que reforçam mecanismos dos sistemas seletivos de exclusão e antidemocráticos. **OLHAR FOTOGRÁFICO** *Cabelos penteados, postura ereta, livros debaixo do braço, caderno de planejamento, apagador e caixa de giz, com expressão sombria o professor adentra a sala de aula a cada dia... Banhada, pasta com cadernos, lápis, borracha, livros, tarefa de casa, um tanto surrada das borrachas... Sorriso tímido, feliz, às vezes maroto, entra em fila ou em algazarra, a criança, senta, e espera a lição de cada dia... Outras entram parece que, de meio banho tomado, pois água da casa é pouca, cabelo caracoladinho, sem corte, sem pasta escolar, chinelas havaiana surradas, um caderno apenas, um lápis... olhar um tanto desconfiado e um sorriso triste... E dá bom dia, e dá boa tarde, entra em ação professor e aluno: copia a lição do quadro, lê na cartilha, desenha um desenho qualquer, canta, vai para o recreio, volta suado e recomeça a lição outra vez... E passa certo e passa errado, toma lição, canta com as crianças, passa novos exercícios no quadro, corrige as tarefas do dia anterior, dá bronca naquele que não fez a tarefa, dá uma olhada naquele que não se cala, pergunta aquele "porque não trocou de roupa para vir á escola", Atende o colega professor, que pergunta se o pagamento saiu! Volve o olhar para a sala, elogia e passa a mão na cabeça do menino de caderno limpo!Dá uma voltinha, marca a próxima lição e voltaremos amanhã... É o cotidiano... Todo ano... "Cabelos penteados, postura ereta, livros debaixo do braço, caderno de planejamento, apagador de giz, olhar sombrio, adentra a sala a cada dia..." É o reflexo do "ritual da organização do trabalho pedagógico", dentro de muitas escolas públicas do nosso país que, baseado na organização capitalista, caracterizada pela fragmentação entre o produto, e o ato de produção, o professor segue o ritual, sem questionar o que está fazendo, porque está fazendo, é tudo muito mecânico, característico do que discute (Group, apud Villas Boas. 1993), pertinente a*

“divisão entre o trabalho intelectual e manual isto é, entre os que pensam e planejam e executam”. A referência ao ritual do professor se dá partir do seu planejamento, elaborado através de parâmetros curriculares, pacotes pedagógicos, que outras instâncias pensaram e planejaram calcadas em interesses particulares ou econômicos e sociais onde fazem prevalecer às relações de poder. E os agentes da engrenagem são: os professores que executam atividades junto com seus alunos, que representam os consumidores dos conhecimentos e da cultura. Se há uma cisão entre os que pensam e os que fazem, então, este professor não tem a clareza da autonomia necessária para fazer da sua aula um espaço mútuo de crescimento e criatividade junto ao seu aluno...pois, a autonomia deve ser entendida neste contexto, partindo primeiro da autonomia interna, para posteriormente ser partilhada com os outros e em especial com o aluno, é uma questão de conquista do professor em cada ação. Sabe-se, contudo, que esta autonomia também sofre interferências de muitos fatores da organização social, mas é necessário buscar brechas para superação das inúmeras fragmentações no processo educativo. Reportemo-nos á formação do professor em que se percebe uma prescrição de todos os passos, seguindo uma disciplina, os conteúdos, estratégias e avaliação, através de um modelo dado; também a existência de um direcionamento obedecendo às normas estabelecidas pela escola. Segundo (André, apud Villas Boas, p. 12, 1993),

quanto a horários, disciplinas, período para a realização de provas e entrega de resultados, dia e horário das reuniões de pais, eventos a serem comemorados, além da participação da escola em acontecimentos da comunidade, uso de materiais didáticos, reuniões pedagógicas e de conselho de classe. São vários cerceamentos, e se o professor não se atentar para sua prática, correrá o risco de atitudes ingênuas ou às vezes descomprometidas, que impedirão que se tornem como nos afirma (Santiago, p.63 in Veiga, 1995) “agentes histórico, intelectuais e profissionais com responsabilidade de relevância social”. É necessário se atentar para que, mesmo estando cerceado pelos muitos mecanismos da sociedade “globalizada”, o professor ainda possa usar brechas de sua autonomia para criar novas formas de trabalhar em sala de aula, de forma a dar o desenhar seu perfil no trabalho que cria. Machado sugere:

refutar ou reelaborar o que foi concebido por especialistas ou outras instâncias... afinal o real é dinâmico e não se subordina a esquemas,... que podem se aceitar, interiorizados, reproduzidos: outros são recusados, implicitamente, outros são ainda transformados... (Machado, p. 111. In. Villas Boas. 1993).

Esse agir criativo é o que diferencia o trabalho pedagógico do trabalho das fábricas, pois internamente, em seu espaço de sala de aula sua autonomia, independência, saberes postura política, ainda é possível. ***Banhada, pasta com cadernos, lápis, borracha, livros, tarefa de casa, um tanto surrada das borrachas... Sorriso tímido, feliz, às vezes maroto, entra em fila ou em algazarra, a criança, senta, e espera a lição de cada dia... Outras entram parece que, de meio banho tomado, pois água da casa é pouca, cabelo caracoladinho, sem corte, sem pasta escolar, chinelas havaiana surradas, um caderno apenas, um lápis... olhar um tanto desconfiado e um sorriso triste...*** Essas observações das entradas das crianças em sala de aula revelam traços diferenciados das formas de viver em seus lares, trazem em sua forma mais simples, dados de suas condições sócio econômicas, por meio dos materiais escolares que apresentam, na forma de vestir, de revelar seus costumes e educação recebida em casa. Um demonstrativo do trato que têm de suas famílias e não há como não refletir sobre os semblantes registrados entre “o feliz e maroto e o desconfiado e triste”, reflexos do mundo que está constituído, tanto da própria personalidade da criança quanto das suas condições de vida em família. O olhar fotográfico lê não somente quem lê o que observou, mas traz o olhar das crianças com seus semblantes, como refletores de suas realidades sociais, econômicas e familiares, onde mesclam alegrias, tristezas, fartura, escassez, afagos, desentendimentos, enfim, o mundo que o professor precisa saber ler a cada dia, com sensibilidade e responsabilidade social no trato com cada criança em particular. A leitura do professor precisa ser atenta às inúmeras formas de desigualdades sociais, reconhecer que somos uma sociedade onde elas são marcantes. Consta-se as desigualdades desde as diferenças salariais às educacionais entre os ricos e pobres, brancos e pretos, homens e mulheres. Desigualdades que se desdobram nas condições de vida de cada segmento, que somente reforçam o ciclo da pobreza, sobretudo, nas áreas rurais, quilombolas, periferias que geralmente são comunidades de baixa renda. São realidades que carecem

de políticas públicas e planejamentos mais consistentes e coerentes, que disponibilizem recursos para e pela melhoria do processo ensino aprendizagem e da educação das crianças e jovens que lá residem. **“Copia a lição do quadro, lê na cartilha, desenha um desenho qualquer, canta, vai para o recreio, volta suado e recomeça a lição outra vez...”**

Para o aluno também é um ritual mecânico onde tudo já está programado pelo controle hierárquico, através do tempo, ordem e disciplina... gasta-se o tempo preenchido para fazer atividades que, muitas vezes, têm pouco proveito, mas que ocupam tempo sem se contemplar aprendizagens significativas. Como estas atividades são realizadas?

Em silêncio, com os alunos imobilizados em suas carteiras, obedientes para regras de conduta e compostura do que é ser aluno. Mas o trabalho do aluno também não é considerado trabalho?

O ofício do aluno também é lido por alguns teóricos dentre eles, está Philippe Perrenoud:

são o pão nosso de cada dia do estudante: ler, transcrever, copiar, resumir, transpor, redigir textos, responder a questões ou inventá-las; definir, associar, classificar, transformar as palavras, procurá-las no dicionário; analisar... completar, transformar frases... enunciar ou aplicar definições, regras, procedimentos; resolver problemas, fazer operações com números ou conjuntos... fazer desenhos, diagramas, gráficos; calcular medidas... Perrenoud (1995, p. 42). São muitas tarefas a cada dia, sob a âncora do cumprir somente as tarefas, visto que não há muito prazer em executar um trabalho. Nele não se pode ter poder algum de decisão ou participação, seja por sugestões ou ideias, com o gosto de saber para quê se está fazendo aquela atividade, contudo é preciso obedecer... ser submisso às ordens da autoridade da sala. O autor Mariano Fernández Enguita também reflete sobre os processos de ritualização em salas de aula e cita uma das características importantes da escola que é:

a obsessão pela manutenção da ordem. Basta recordarmos nossa experiência como aluno ou professor, ou visitar uma sala de aula, para evocar ou presenciar um rosário de ordens individuais e coletivas para não fazer ruído, não falar, prestar atenção, não movimentar-se de um lugar para o outro... Enguita (1989, p.163) Hoje parece um pouquinho diferente, mediante aos novos problemas que os professores têm que lidar em seu dia

a dia, como salas muito cheia de crianças, grande parte inquieta por não ter se alimentado direito em casa, por desagregação familiar, situações de bullying e agressões em sala de aula, situações que a disciplina supra citada não dá conta de conter. ... **dá se bronca naquele que não fez tarefa, dá uma olhada naquele que não se cala...** É na obra de Foucault (OMNES ETSINGULATIUM, 1999 p. 11-13), que encontraremos reflexões dentro da literatura cristã dos primeiros séculos, sobre temas hebraicos, demonstrando as relações entre o pastor e a ovelha, que fundamentam os princípios da relação de obediência e confissão entre o professor e o aluno. É possível perceber os itens que fazem parte do plano da literatura cristã:

a) responsabilidade do pastor com relação as suas ovelhas, no tocante ao rebanho e a cada ovelha em particular, sob o olhar da vigilância; b) trata-se da questão da obediência, da relação de dependência individual e completa, uma ligação de submissão pessoal; c) o reconhecimento entre o pastor e a ovelha, pelo exame de consciência, em que se confessava suas paixões, devaneios; a direção da consciência, em que a ovelha se deixava conduzir a cada instante; d) levar as ovelhas a sua própria mortificação. Os três primeiros itens se referem muito ao que se vivencia e ainda se vê na relação professor-aluno em nossas escolas. Nessa relação também se pode analisar o poder e a autoridade que o professor tem, não somente sobre seus alunos, como sobre os conteúdos das disciplinas; é o dono do saber, (principalmente em 2ª fase do 1º grau e 2º grau); suas verdades são, na maioria das vezes, ainda inquestionáveis, onde os submetidos quase nunca ousam colocá-las em cheque. Pela autoridade em manter a disciplina e a ordem, o professor também é avaliado e cobrado pelas autoridades da escola, pelos processos avaliativos em grande escala, visto que é mantido em seus empregos, muitas vezes, pela posição de cumprir regras do sistema educativo, não dando trabalho com a indisciplina e barulho dos alunos, nos ambientes escolares, mantendo em silêncio as dificuldades que muitos não ousam gritar ...**E passa certo e passa errado, toma lição, canta com as crianças, passando exercícios no quadro, corrige as tarefas do dia anterior.**” Pode-se refletir nessa passagem, como foi a organização do trabalho pedagógico, numa postura ritual e até inconsciente de sua autoridade e poder. O professor fez como aprendeu a fazer: planejou sua aula, fez sua aula, mostrou-se dono do saber, dos conhecimentos das regras, e seu aluno fez conforme as orientações do professor, e obedeceu

direitinho, segundo Villas Boas, “não contam os interesses do aluno, mas apenas os da sociedade, cujo representante legítimo é a instituição escolar e a vontade do professor”. (1993, p. 117). O procedimento supramencionado só vem reforçar uma organização fundamentada no modelo taylorista de produção na escola, onde alguns decidem e outros obedecem, mas urge pensar que esse procedimento fragmentado não nos levará a lugar algum, é preciso, pois trabalhar por “um processo dialógico,” que envolva em momentos específicos e oportunos, toda a comunidade escolar (professores, pais, alunos), para pensarem conjuntamente os “objetivos, a filosofia, prioridades, orientações metodológicas, relações pedagógicas, formas de administração da burocracia escolar”... Poderão dessa forma, “articular-se em coerência interna, conferindo unidade e dimensão de totalidade á instituição”, conforme nos aponta (Santiago. p. 167 in: VEIGA. 1995). Eis a razão e a tarefa de construção do projeto político-pedagógico, “assentado na concepção de sociedade, educação e escola que vise á emancipação humana”. (Veiga 1996, p. 157). O Projeto Político Pedagógico é entendido pela autora supra mencionada, como a própria organização do trabalho pedagógico, que busca superar relações competitivas, corporativas e autoritárias, visto que é um processo permanente de reflexão e discussão de práticas, problemas no interior da escola, devendo ter um comprometimento com práticas de cunho emancipatório. Os professores do nosso poema inicial, trabalharam com os cadernos dos alunos, giz, quadro, e, considerando o que (Franco, p. 16. Apud Villas Boas. 1993) comenta, o professor “é reduzido à pequena unidade do processo relativamente complexo, definido pelas administrações dos sistemas de ensino em nível federal, estadual e municipal, pelas editoras, pela tecnologia moderna e pela administração da escola”, não deve ter sido informado e preparado para trabalhar com os meios, que a escola possui: computadores, vídeos, filmadoras e outros recursos para seu melhor desempenho em sala de aula. O professor, muitas vezes, desconhece o processo, a escola é muito grande, a comunicação é fragmentada, as salas com muitos alunos, ou mesmo por comodismo, daí faltam-lhe tempo para aprender a trabalhar com estes recursos, razões para tantas resistências. Ultimamente, as escolas até têm recebido materiais tecnológicos para serem trabalhados na sala, contudo muitos professores desconhecem o processo, não receberam orientação, *nem em pequenos fragmentos*, para utilizarem estes recursos, e o resultado

é que os aparelhos ficam guardados a sete chaves nas instituições escolares, tornando-se, na maioria das vezes, obsoletos e sem utilidade para o professor e para o aluno. A consequência é o não aproveitamento da apropriação da técnica e da ciência como um dos recursos que poderiam motivar as aulas e os ajudar a construir conhecimentos. Diante disso o professor acaba levando a conotação de “desqualificado”. De acordo com Toffer, (1998, p. 5-8), “enfiar um PC na classe sem mudar a própria escola é desperdício de dinheiro e energia... Muitos professores sabem menos sobre o uso de computadores do que os seus alunos”. Assinala ainda que, os meios de comunicação não poderiam ser ignorados pelos educadores, nem a presença da mídia se restringir á presença de televisores nas salas de aula. Evidentemente que falta algo para o professor, a fundamentação teórica, para aprender e ensinar melhor. Nesse sentido, Kenski (1999) em uma de suas palestras na FE-UNB, enfatizou para os ouvintes sobre a importância e necessidade urgente de o professor quebrar suas resistências quanto ao uso das tecnologias nas salas de aula, que deveriam aproveitar esses recursos para enriquecimento do seu trabalho pedagógico, dando inclusive, o seu toque de criatividade e mostrar a possível convivência da máquina e homem, de forma humanizada. Muito já se tem avançado no sentido das tecnologias digitais, de informação e comunicação no processo educativo, e a formação continuada dos professores ainda carece e uma imprescindível a mudança de postura dos professores em buscar se aperfeiçoar e se potencializar para colaborar na mediação e participação dos seus alunos.

...Porque não trocou de roupa, para vir à sala?

Estampado está o desconhecimento do professor com relação à realidade sócio econômica da maioria dos alunos, da escola pública do nosso país. Certamente esta pergunta é para aquele que veio de algum setor longínquo ou periférico da cidade, provindo de família que, nem sempre, tem a comida e as condições mínimas de sobrevivência de cada dia, quanto mais à roupa na linhagem ou uniforme na modalidade que a escola formal prescreve. Talvez pelo não conhecimento das consequências das altas taxas de analfabetismo, falta de qualidade de nossa educação, de renda, saúde, enfim da falta de expectativas de vida da grande parte da população economicamente ativa é que essa pergunta venha à tona. A marginalização social e econômica vivida pela nossa população reflete as péssimas condições de vida, marcadas pelo desprezo das elites e dos governos

durante suas gestões em um passado não tão distante. E a caminhada para a superação é lenta e dolorosa, necessitando da nossa ação, enquanto educadores, mesmo em nossos micros espaços, atuar junto aos alunos no sentido de colaborar na educação, na conscientização política, na mediação de saberes que possam dar passos para sua emancipação. Se por acaso a roupa estivesse suja, não seria bom chamá-lo, sem muita evidência, e dar uma conversada para saber a questão mais de perto e tentar encontrar uma saída?

Infelizmente muitos professores ainda não se deram conta das artimanhas, da pseudo-harmonia, que muitas correntes pleiteiam, em nome do diálogo entre as culturas antagônicas que no fundo só reforçam a manutenção da força cultural hegemônica. É terrível constatarmos, segundo Resende (1998, p. 34), que “a escola ao longo de sua história, tem evidenciado uma monocultura que se expressa pela intransigência em relação tanto às realidades diversas como ao multifacetado mundo das crianças e dos adolescentes.” Por isso, nossas crianças não necessitam de professores que colaborem ainda mais para sua exclusão do sistema escolar, esse papel já está bem delineado nas poucas políticas inclusivas, adotadas pelos governos no decorrer dessas décadas. **...Elogia e passa a mão na cabeça do menino “bonitinho” de caderno limpo...** É o reforço e a valorização da cultura dominante, em que o aluno todo bonitinho, com as condições materiais, vem para a escola legitimar seus valores, em detrimento da outra cultura ignorada ou silenciada, sob a tutela da “toda criança na escola”. É triste verificar a traição de posturas diante os objetivos a serem alcançados pela escola, que de fachada usa slogan “direito para todos”, na verdade, representa mesmo mais um mecanismo oficial de privação e exclusão das camadas populares do interior das escolas. Além destas posturas supramencionadas, que refletem ações muitas vezes ingênuas do professor, é necessário atentarmos para outras formas de exclusão, tal como a avaliação. Conforme Villas Boas,

A escola apresenta-se como um mundo à parte do ambiente da criança, principalmente a pobre, regido por rituais imutáveis, onde o professor sabe, ordena, julga e pune e o aluno escuta, obedece, é julgado. Não se leva em conta que as crianças apresentam diferenças nas condições materiais de cultura, nas experiências de atitude dos pais em relação à escola. (Villas Boas, p. 120. 1993). São inúmeras as formas de avaliação inadequadas, na

maioria das vezes, provocativas para a exclusão do aluno, apresentam-se de formas dissimuladas como a própria atitude do professor de não levar em conta as diferenças que envolvem o mundo da criança e da escola. Haveremos ainda que parafrasear com Villas Boas(1993) quando a mesma menciona as inúmeras implicações que corroboram para a exclusão dos alunos. Dentre elas podemos citar as várias cobranças de conteúdos em níveis de dificuldades diferentes dos que foram trabalhados em sala de aula, a ênfase dada em determinados conteúdos em detrimento de outros, seguindo apenas o domínio do professor em certas áreas, afinal fica a seu critério para o uso de conhecimento exclusivo do professor e não discutidos com os alunos. Também se percebe na avaliação a utilização de interpretações do comportamento dos alunos, e aí onde a subjetividade tem um peso muito significativo, que pode variar entre o sentido da empatia, como da antipatia, preconceito e discriminação. Vemos práticas avaliativas que acontecem tão rotineiras, ritualizadas, rápidas mecânicas, que dificultam o repensar do professor sobre sua prática. Portanto, urge fazer incluir o movimento da reflexão, da indagação no momento da organização do trabalho pedagógico. **...Atende o colega professor que pergunta se o pagamento saiu... fica sabendo da notícia da palestra sobre cidadania no sábado...** Uma demonstração da constante preocupação do professor, com a remuneração, que é incerta quanto ao dia de recebimento, aos valores, ao salário família, ao instituto de saúde e previdenciário, que, na maioria das vezes, não atendem exatamente quando se precisa. É o trabalho do professor em questão, que se mistura ao desempenho pedagógico, tira-lhe o sono e o equilíbrio profissional, o coloca frágil diante da desqualificação dos órgãos mantenedores Estes os deixam a mercê da falta de recursos materiais para realizar seus planos e honrar seus compromissos a partir da incerteza dos poucos salários... Embora as prerrogativas de valorização dos profissionais da educação estejam evidenciadas na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 206, inciso V. Embora a Lei n.º 9.394/96 (BRASIL, 2001) conhecida como LDB, discorra em seus arts. 62 e 67 sobre a formação do magistério e especificamente o art. 67 determine que os sistemas de ensino promovam a valorização dos profissionais da educação, assegurando lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público. As legislações apontam suportes importantes para garantir os planos de carreira, com

progressão funcional, a partir da titulação ou habilitação, e avaliação de desempenho, prevendo a progressão funcional com base na titulação ou habilitação e na avaliação de desempenho, entretanto, grande parte dos professores ainda convive com muitos fantasmas quando se diz respeito às garantias dos seus vencimentos, à suas carreira, e a sua estabilidade profissional. Muitos professores, sobretudo os municipais da região norte, não contam com a abertura de concursos que garantam sua entrada efetiva no magistério, tendo como saída a submissão a contratos temporários ou “especiais”, e a partir daí, se tornam, muitas vezes, o alvo preferido de perseguições políticas partidárias. Estas situações apontadas revelam também fragilidades que colocam em risco o trabalho e a organização pedagógica de professores e gestores que tentam exercer seu ofício de educar. **...Marca a próxima lição, não saiam correndo e, voltaremos amanhã.** Rituais que se repetem, numa reprodução de atos do professor, sem muita reflexão, mas que representam atos de quem exerce um poder, o qual foi confiado para repetir a cada dia. Assim fizeram os seus professores, e agora assim o fazem..., como se estivessem tão corretamente exercendo sua função que mescla conteúdos, cobranças, disciplina e poder. Um poder que pode ser compreendido em Michel Foucault (1996), como aquele que produz e reproduz realidades sociais por meio de ações relacionais, nas mais distintas instituições e é exercido, sob diferentes modalidades. Portanto, diluído em micro poderes que podem estar assegurados na “vigilância”, que pode ser real ou imaginária. E dentro da escola ela é percebida numa constante, e exercida por diferentes vias para manter o controle, a avaliação e a obediência. O poder visto pelo teórico Weber (1991) é definido como “toda probabilidade de impor a própria vontade em uma relação social mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade” (1991, p. 33). É, portanto, a capacidade que um indivíduo tem de usar suas relações e ações para influenciar um grupo social, sobrepondo à própria vontade a qualquer oposição, protesto ou relutância. Mas curioso é que Weber aponta para outra categoria analítica: a dominação – que define como “a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem em determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicadas” (Ibidem, p. 33). Mas diferentemente da perspectiva do abstrato poder, a dominação se manifesta com clareza através de dois atos claros e verificáveis – a ordem e o seu cumprimento. A dominação não seria, portanto, sinônimo de poder.

Mas seria sua manifestação mais visível – e, em um ponto crucial para Weber – verificável. Portanto é visível e verificável a dominação em quase todas estas relações, são micro poderes em que aparecem o exercício de um dominador sobre um dominado, e se apresenta de forma explícita ou disfarçada, mas que manifestam a ação de um poder. E se o professor não tiver a consciência política de transformar sua ação de poder em interação, diálogo, no sentido do favorecimento e emancipação de seus alunos, em pouco avançará na mediação de suas aprendizagens, com seus saberes. Afinal estes não se restringem aos conteúdos e atividades somente de sala de aula, mas com todas as experiências possíveis dentro e fora do espaço escolar. Para Bernard Charlot (2000) a relação com o saber,

é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc, ligados, de certa maneira, com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também uma relação de linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2000, p. 81).

Com isso, haveremos de compreender que a aquisição do saber é mesmo um processo relacional que permite a comunicação com outros seres, possibilita partilhar o mundo com eles, e, ao mesmo tempo viver certas experiências. Esse partilhar o mundo, viver experiências com o outro nos direciona para visualizar uma educação que colabora para construção de um sujeito autônomo, que sabe apropriar-se dos seus direitos dentro de uma sociedade e de uma cultura, e não um mero sujeito que se sujeita a uma obediência, a rituais que só reproduzem tendências educacionais ultrapassadas que expulsam os alunos, sobretudo os mais desfavorecidos. Ensejamos uma “volta amanhã”, não utópica, mas possível, em que “a autonomia limitada da escola, possibilite revitalização do trabalho pedagógico, a partir da elaboração do projeto político pedagógico”, constituído de ideias e participação de todos que fazem parte da escola. Parafraseando Villas Boas, (1993), uma volta com um Projeto Político Pedagógico constituído de diretrizes básicas para a realização de um trabalho que seja integrador das concepções de uma sociedade e escola.

Uma volta que possa ser alimentada pela participação dos profissionais da educação que atuam na instituição, como os pais e alunos convivendo com o espírito e ações de cooperação no sentido da produção de homens educados que almejam uma educação eficaz e de qualidade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Uma observação mais atenta dos rituais registrados nos dados do poema Olhar fotográfico revela que, sob esta aparente organização do trabalho pedagógico e da sala de aula, emergiram relações preocupantes, relacionados com invisibilidades, desigualdades sociais, preconceitos e falta de formação do professor para o exercício da docência. Complexidades que revelam uma dinâmica de regulamentação, obediências, mandos e domínios. Ações e posturas que podem desviar os objetivos educacionais maiores, como a real e significativa aprendizagem dos conteúdos curriculares e saberes importantes para a vida dos seus alunos, de forma a garantir o sucesso coletivo e individual, e a plena garantia dos direitos à educação e a cidadania. Como se percebe, a construção dos saberes dos alunos no espaço escolar, especificamente na sala de aula, possui uma vinculação com muitos fatores, dentre elas, uma íntima relação com o trabalho de construção dos saberes do seu professor, portanto o sucesso escolar é uma composição da ação do professor e do seu aluno. Nesse sentido haveremos que levar em conta os vários tipos de convivências, conivências, conflitos, trocas e acordos vividos no ambiente escolar. Eles podem revelar de forma explícita ou velada a força latente denominada de poder que marca e reproduz na vida dos agentes envolvidos. Pensar o poder é abrir um leque de possibilidades, tais como uma disposição de força ou autoridade para a realização de algo, como uma ação que autoriza o outro ou a instituição a desenvolver, criar, contribuir para o coletivo. O poder não é um mal em si, contudo, quando o poder é utilizado como domínio, força, e transformado em processo autoritário de dominação, acontece uma inversão nas conquistas democráticas. A suspensão das relações de participação democrática suscita a incredibilidade no processo educativo, gera a desigualdade e exclusão social, desencadeia a revolta e o conflito entre os membros da escola, além de afetar diretamente a produtividade intelectual, emocional e social dos envolvidos no processo educacional. Portanto, a formação acadêmica e experiências não escolares podem contribuir para a constituição dos saberes dos sujeitos, especificamente os educadores, no sentido de habilitá-los a agirem de forma coerente com suas aprendizagens

construídas. Sendo assim, podemos enfatizar a importância das experiências anteriores à experiência escolar dos professores, aliada a uma formação consistente, construída dentro de uma filosofia que tenha por base a formação técnica, humanística e cidadã, que busca por alternativas para modificar o percurso dominador. Dentre elas, estão as estratégias para que a escola insira mecanismos facilitadores da articulação da relação com o saber dos alunos, de forma que possam sentir mobilizados na busca dos conhecimentos, a aprender para viver em seu local, em sua comunidade, gozando dos direitos e das garantias cidadãos. A partir dessas novas propostas, pode-se pensar em uma escola reencantadora, portadora de ambientes pedagógicos como um lugar de fascínio de prazer, onde os nossos alunos possam trabalhar, levantar, locomoverem-se na sala em busca de conhecimentos, ideias, alegria, convívio, sentindo-se como alguém que tem alguém, que lhes deseja o melhor, e lhes convida a preparar o melhor, e por isso, construirão o melhor. Que a falta de preparo, formação e consciência política de alguns professores não destruam as possibilidades de construção dos processos emancipatórios dos seus alunos e nem as culturas antidemocráticas consigam cegar seus profissionais no avanço por uma educação de qualidade e libertadora. Que a escola possa ser vida, "vida que se gosta". Por isso os professores (as) deveriam analisar de que forma a vida dos alunos (as) é uma vida concreta que, em seu mais profundo dinamismo vital e cognitivo sempre gostou de si, ou ao menos tentou e volta a tentar gostar de si (Assmann, 1998. p. 29). Quem sabe, o professor através de uma educação continuada, promovida pela escola, comece a querer construir uma relação educativa, em parceria com a "escola e comunidade, com a não marginalização das formas de saber dos excluídos; na construção de um novo sentido da cidadania, da solidariedade, o valor da diversidade, o sincretismo cultural e a discrepância". (Hernández, 1998. p. 13). Quem sabe, a comunidade escolar e a sociedade compreendam o estado de estar-em-processo-de- aprender sempre, e para tanto busque, provoque, possibilite e condicione todos os meios de se viver o estado de "apprenance", termo de Trocmé Fabre, Helene in Asmann (1998), que em português significa "aprendência", um movimento, uma nova forma de aprender que envolve uma busca constante da adaptação, transformação e evolução enquanto ser humano. Que o aprender faça parte da vida, das crianças, jovens e adultos como um projeto a ser conquistado em cada

oportunidade, a cada dia. Com certeza, **o cotidiano... todo ano**, seria um lugar de prazer, de um aprender constante, incessante, onde todos os alunos, independentes de classe social, raça ou credo buscariam e encontrariam um lugar ao sol. **Referências Bibliográficas** ASSMANN, H. **Reencantar a Educação**: rumo á sociedade aprendente. Petrópolis, RJ Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

ENGUITA, M.F. **A face oculta da Escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. FOUCAULT, **Omnes Singulatiun**. Tradução Port. Brasília. 1999.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias. Papyrus Editora, 2007

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressões Mudança na Educação**. Trad. Port. Artmed. Porto Alegre, 1998. PERRENOUD, Philippe. **Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar**. Trad. Port. Porto: 1995. TOFFLER, Alvin. **Ensinar o Século 21**. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 8/03/98. VEIGA, Ilma P. Alencastro e RESENDE, Lúcia M^a Gonçalves (orgs). **Espaço do Projeto Político- Pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. _____ **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível. Campinas, SP: Papyrus, 1998. VILLAS BOAS, Benigna M^a de Freitas. **Avaliação e Organização do Trabalho Pedagógico**: uma articulação incipiente. E A Carlos Chagas, n.8, Jul-dez. 1993.

Referências Bibliográficas ASSMANN, H. **Reencantar a Educação**: rumo á sociedade aprendente. Petrópolis, RJ Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

ENGUITA, M.F. **A face oculta da Escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. FOUCAULT, **Omnes Singulatiun**. Tradução Port. Brasília. 1999. KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**. Papyrus Editora, 2007

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressões Mudança na Educação. Trad. Port. Artmed. Porto Alegre, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar**. Trad. Port. Porto: 1995.
TOFFLER, Alvin. **Ensinar o Século 21**. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 8/03/98. VEIGA, Ilma P. Alencastro e RESENDE, Lúcia M^a Gonçalves (orgs). **Espaço do Projeto Político- Pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. _____ **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível. Campinas, SP: Papyrus, 1998. VILLAS BOAS, Benigna M^a de Freitas. **Avaliação e Organização do Trabalho Pedagógico**: uma articulação incipiente. E A Carlos Chagas, n.8, Jul-dez. 1993.

Magda Suely Pereira Costa[1]

[1] Professora no Campus de Araias - Universidade Federal do Tocantins -UFT. Prof^a.Dr^a em Sociologia da Contemporaneidade-PPSol-UnB e Mestre em Educação -UnB. E-mail magdacosta@uft.edu.br

Recebido em: 16/05/2016

Aprovado em: 17/05/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: